

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

Por *André Luís Mota Itaparica* \*

O livro ora em análise faz parte da coleção “Pensadores e Educação”, composta de ensaios introdutórios em formato de bolso, coordenada por Alfredo Veiga-Neto. O volume sobre Nietzsche é obra de Jorge Larrosa, Professor Titular de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona, em livro lançado em sua língua original em 2002.

Seguindo a sugestão de Giorgio Colli, segundo a qual a obra de Nietzsche seria como uma música a ser escutada, Larrosa articula seu livro a partir de três “motivos” nietzschianos – no sentido musical, ou seja, fragmentos que dariam sentido ao conjunto da obra do filósofo – que seriam “interpretados” no decorrer de seus capítulos. Essa metáfora musical é importante para compreender uma das principais diretrizes do livro, que é a de não entender a filosofia de Nietzsche de modo doutrinário, procurando reavivar nela as sugestões que ainda animam o pensamento contemporâneo.

Os três motivos tomados como fios condutores do livro são os seguintes: (1) A questão da leitura; (2) A relação entre o lema pindárico-nietzschiano do “tornar-se o que se é” com o tema da *Bildung* (formação); (3) O problema da liberdade e da subjetividade, a partir de análise de “Das três metamorfoses”, célebre capítulo de *Assim falou Zaratustra*. Cada um dos “motivos” deu ensejo a um capítulo do livro, que é complementado por sugestões bibliográficas e *sites* de interesse na internet.

No primeiro capítulo, o autor articula diversas facetas da questão da leitura em Nietzsche, a fim de apontar o caráter pedagógico de uma

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). E-mail: itapa@usp.br

noção de leitura que promove a independência e a criatividade do leitor. Temas como o da parcimônia no processo de leitura, da necessária afinidade vital entre leitor e livro, assim como o da multiplicidade de estilos da escrita nietzschiana, vêm colaborar com uma noção de leitura que se sustenta na idéia de que o leitor, tendo vivenciado e digerido o que leu, possa produzir algo próprio a partir do texto lido. A suprema arte da leitura, desse modo, seria uma forma de educar todos os cinco sentidos na compreensão de um texto. O bom leitor não seria o erudito, entendido por Nietzsche como o especialista limitado; a leitura requeria sensibilidade e gosto, condições primordiais para uma verdadeira cultura.

No segundo capítulo, o autor toma o lema pindárico do “tornar-se o que se é” em sua versão nietzschiana, acompanhando sua formulação nas três fases que constituem a obra do filósofo alemão, a fim de relacioná-lo ao tema da *Bildung*. Segundo o autor, dos três sentidos de *Bildung* (como desenvolvimento histórico-filosófico do espírito, como formação pedagógica e como *Bildungsroman*, romance de formação), os dois primeiros são criticados por Nietzsche, em sua análise da cultura e da educação de sua época, mantendo, porém, lanços estritos com o terceiro. Assim, o “tornar-se o que se é”, para Nietzsche, estaria sempre relacionado com um processo de formação realizado por um ser singular na construção de sua individualidade. Em *Schopenhauer como educador*, a sentença de Píndaro é evocada como um chamamento para uma autoformação que se constituiria pela contraposição à sua época, em uma luta contra o presente, sentido primeiro da palavra extemporâneo em Nietzsche. Em *A gaia ciência*, a sentença aparece no registro de uma experiência que deve ser realizada em termos de uma estetização da própria vida, de uma autocriação artística. Em *Assim falou Zaratustra*, a sentença está no importante capítulo “O convalescente”, ponto culminante do terceiro livro e da exposição sobre o eterno retorno. Para o autor, essa obra de Nietzsche, como um todo, pode ser vista como um romance de formação, que tem como um dos seus pontos cruciais a revelação do eterno retorno a Zaratustra, doutrina essa que

se expressa como esse processo de tornar-se o que se é e se realiza na ação. No *Ecce homo*, finalmente, a sentença se converte em uma autobiografia que nega o *autos* (o sujeito identitário) e o *bios* (como uma vida pessoal passível de ser traçada).

No terceiro capítulo, enfim, o autor baseia-se na contraposição entre a concepção kantiana de liberdade em “O que é a Iluminismo” e aquela presente no discurso sobre “as três metamorfoses” do *Zarathustra*, para evidenciar assim duas concepções distintas de liberdade. O autor começa apresentando a noção moderna de sujeito autônomo e das suas idéias complementares de razão, liberdade e história, para em seguida mostrar como essa visão iluminista sofreu desgastes, tendo sua crise já apontada por Husserl na *Krisis* e seu declínio último acusado na *Dialética do Esclarecimento*, de Horkheimer e Adorno. Uma saída para esse impasse teria sido indicada por Heidegger, quando, apontando o desgaste do fundamento moderno da liberdade, propõe uma “libertação da liberdade”, que se daria sob o signo do jogo heraclítico, justamente a concepção presente na figura da criança na mencionada seção do *Zarathustra*. A criança conotaria uma concepção de tempo não-linear e intempestiva, compreendido como *Aión* (eternidade) e momento de decisão. Com Nietzsche, assim, consumir-se-ia o declínio do sujeito moderno – fundamento da liberdade positiva – sugerindo novas possibilidades de subjetivação e abrindo espaço para aquilo que o autor chama de “liberdade liberada”.

Tomando por base este breve resumo dos capítulos, podemos ver que a obra analisada leva em conta, com um nível de profundidade raro em obras introdutórias, várias questões da filosofia de Nietzsche, relacionando-as com preocupações da filosofia da educação e com problemas da cultura contemporânea. Um ponto a comentar, aliás presente em muitas obras sobre Nietzsche, é o caráter aberto das respostas oferecidas por Larrosa. Embora não seja intenção do autor apresentar respostas definitivas, e levando em conta seu propósito de não ler Nietzsche de forma doutrinária, talvez fosse necessário uma maior problematização das posições do filósofo alemão, além de uma

explicação mais extensa e acabada dos resultados extraídos pelo autor da obra de Nietzsche.

De qualquer modo, no saldo total, trata-se de um livro de grande utilidade tanto para estudiosos da educação como para aqueles que queiram um primeiro contato com o pensamento de Nietzsche. É uma obra segura nas fontes, ciente das grandes questões da filosofia de Nietzsche e que prima pelo didatismo e clareza.

Vale mencionar, por último, a meritória decisão de acrescentar ao livro uma bibliografia básica sobre o tema e *sites* de interesse na internet. O único porém seria a inclusão nessa bibliografia de traduções de Nietzsche de qualidade duvidosa, quando boa parte da obra nietzschiana já se encontra muito bem traduzida por Paulo César de Souza, pela editora Companhia das Letras, além da excelente tradução do *Zaratustra* por Mario da Silva, publicada pela Bertand Brasil.